

Augusto Abelaira



anfitrião outra vez

PEÇA EM DUAS PARTES



com
o patrocínio
da Secretaria
de Estado
da Cultura

MORÆS
editores

Augusto Abelaira

ANFITRIÃO, OUTRA VEZ

TELECOMÉDIA

MORAES EDITORES
COM O PATROCÍNIO DA
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
PISTAS/PALCO

PERSONAGENS

JÚPITER
MERCÚRIO
ANFITRIÃO
CÚPIDO
SÓLIA
ALCMENA
BRÓMIA
JOSEFINA
JUNO
MENSAGEIRO

Figurantes,
alguns dos quais
trocam entre si
meia dúzia de palavras

PRIMEIRA PARTE

Rua. Pessoas que conversam, como é natural. O que já será menos natural é a forma como conversam: indirectamente, servindo-se de dialogadores (aparelhos de aspecto semelhante às calculadoras de bolso ou a gravadores) que cada um empunha, previamente pressionando as teclas. Quem fala não são as pessoas, mas os dialogadores, isto é, as pessoas falam com o auxílio de dialogadores, que perguntam e respondem. Transição para um supermercado cheio de gente, homens e mulheres empunhando sempre os seus dialogadores. Júpiter, vestido de acordo com a moda dos nossos dias, não se distinguindo portanto dos vulgares mortais, salvo num ponto: não usa dialogador. Não compreende o que vê, tal como, verosimilmente, os espectadores desta fantasia. Num dado momento mostrar-se-á interessado por uma bela mulher, Alcmena, que, acompanhada pela criada, Brómia, foi às compras. Júpiter cumprimenta-a com galanteria, mas ela não responde. Depois Júpiter descobre Mercúrio que se debruça sobre um mostruário de dialogadores. Anúncios luminosos: «Com o IBH Dialogador conquistarás o amor».

«O IBH, mais do que um dialogador, é um modo de ser». «IBH, uma nova concepção no domínio das relações humanas». «Tenha a palavra na ponta dos dedos». Até aqui ouvir-se-á apenas o murmúrio das conversas, não se perceberão as frases e pouco importa que os espectadores não compreendam bem o que estão a ver. A música (mas não é obrigatório) poderá ser a abertura de As Bodas de Fígaro, com o que se pretenderá imprimir um certo tom à representação. O realizador poderá aproveitar a oportunidade para introduzir o genérico:

ANFITRIÃO, OUTRA VEZ

Etc.

SUPERMERCADO

Mercúrio observa os dialogadores expostos numa estante. Bom entendedor, pega num, pega noutro. Põe um deles a funcionar, pressionando as teclas. Ouve atentamente. Perto, Júpiter observa-o.

DIALOGADOR Bons-dias, como está Vossa Excelência? *(Carrega de novo nas teclas)* — O que torna Camões um grande poeta... — *(De novo nas teclas)* — Meu amor, se tu soubesses, ah se tu soubesses!...

JÚPITER *(intrigado)* Que objectos são esses, que toda a gente anda com eles na mão?

DIALOGADOR DE MERCÚRIO *(que se mantém em silêncio)* Não percebo a pergunta... Nunca viste um dialogador electrónico?

JÚPITER Não sabes falar? Vocês não sabem falar?
Em frente deles dois homens falam, graças aos dialogadores.

DIALOGADOR DO 1.º HOMEM Estás melhor?

DIALOGADOR DO 2.º HOMEM Fui ao médico e...

MERCÚRIO *(desistindo de usar o dialogador)* Não sabes o que é um dialogador? Onde vives tu? Caíste do céu?

JÚPITER Até certo ponto... Mas que é um dialogador? Para que serve, se afinal vocês não perderam a voz?

MERCÚRIO Não me digas que nunca viste um automóvel... E para inventar o automóvel os homens não precisaram de perder as pernas...

JÚPITER Venho de longe...

MERCÚRIO Compreendes, conversar é difícil, extremamente difícil... Implica cultura, brilho, facilidade de palavra, paciência, atenção... Nem todas as pessoas têm estas qualidades, mas a vida obriga-as a conversar mesmo quando nada precisam de dizer.

Outras pessoas conversam com o auxílio dos dialogadores. Um par de apaixonados.

JÚPITER Há sempre muita coisa de que falar, o mundo não pára.

Uma mulher foi apanhada a roubar. Discussão entre os dialogadores.

MERCÚRIO Imagina dois amigos que se conhecem há muitos anos, um casal que vive junto

há muito tempo... — (*imagens de um casal em casa, do serão, em silêncio, ele com o jornal, ela a fazer tricot*) — Disse-ram tudo, o que pensam, o que sentem, o que sabem, o que desejam... — (*O mesmo casal, mas agora conversando entusiasticamente graças aos dialogadores*) — O dialogador é isso, permite sempre a conversa, inventa-a... Estás a perceber?

JÚPITER (*relutante*) Mais ou menos.

MERCÚRIO (*empenhado*) Tudo começou com a invenção das calculadoras electrónicas. Bem vê: os homens sabem multiplicar mentalmente 7x8.

JÚPITER Mas não 253x81.

MERCÚRIO (*feliz, com vivacidade*) Precisamente. Ora bem: os dialogadores aplicam os mesmos princípios às palavras. A maior parte dos homens sabem combinar fome com comida, sol com calor, sede com água ou cerveja, mulher com beleza... Mas graças aos dialogadores combinam palavras que nunca lhes passaria pela cabeça combinar: fome com proteínas, sol com electrões, água com oxigénio e hidrogénio, mulher com dois cromossomas X... E o analfabeto pode assim discutir com o sábio sobre genética, química ou o código civil... Queres ver? Vem daí...

Dão uma volta pelo supermercado, procurando surpreender as conversas, todas elas entre dialogadores.

DIALOGADOR DUMA VELHOTA Mas que roubou ela?

DIALOGADOR DE OUTRA VELHOTA Um dialogador...

JÚPITER Inútil... Mesmo sem dialogadores...

MERCÚRIO (*desiludido*) Vejamos se somos mais felizes com aquele grupo...

DIALOGADOR DE UM HOMEM Ando a ver se compro umas calças novas, rasguei ontem as minhas...

Gesto de desagrado de Mercúrio. Aproximam-se de uma dona de casa.

DIALOGADOR DE UMA DONA DE CASA Desde o aparecimento da humanidade nasceram perto de cem mil milhões de homens e a totalidade dos cromossomas que estiveram na origem deles, todos somados, não ocupariam um volume superior ao de meio comprimido de aspirina... Meio comprimido de aspirina!

MERCÚRIO (*triumfante*) Ouves? Uma simples dona de casa... Vejamos a resposta...

DIALOGADOR DE OUTRA DONA DE CASA Rutherford encheu um tubo de azoto. Colocou a meio do tubo um pedaço de rádio e observou depois a queda dos heliões...

MERCÚRIO (*triumfante*) Percebes?

JÚPITER Não.

MERCÚRIO Não pergunto se percebes a história de Rutherford, pergunto se percebes para que servem os dialogadores. Permitem que simples analfabetos conversem uma noite inteira sem os incómodos momentos de silêncio que tão mal-estar provocam entre as pessoas... Em suma: o dialogador acabou com o analfabetismo...

JÚPITER Com os analfabetos?

MERCÚRIO Com o analfabetismo, é a mesma coisa. Restabeleceu a comunicação num mundo em que se dizia difícil a comunicação. Mais: acabou com a solidão. Erradicada completamente a solidão, se exceptuarmos algumas raras bolsas em certas ilhas da Oceania. Mas preparámos já um plano de auxílio a essa ilhas e vamos exportar para lá alguns dialogadores antiquados. E já agora acrescento: o número de divórcios diminuiu, o dialogador contribui para a estabilidade da família. Os casais passam hoje os serões na conversa...

JÚPITER Mas percebem o que dizem?

MERCÚRIO O que importa é suprimir o silêncio e não que se perceba o que se diz. Alguém sabe porque é que a raiz quadrada de 53824 é 232? Mas sabemos extraí-la... Eis o que importa.

JÚPITER Não receiam o excesso de palavras?

MERCÚRIO A sociedade de consumo provocou um grande gasto de palavras. Tão grande que os métodos artesanais já não bastam. Daí a necessidade de as produzir industrialmente. E as palavras são as coisas. As palavras são o mundo, que aliás começou por ser palavra. No princípio era o verbo.

Passa Alcmene, Mercúrio vai cumprimentá-la, ficam os dois a conversar (servindo-se dos dialogadores) alguns instantes e Júpiter observa-os, ou melhor, observa-a: as pernas, o cabelo, o peito, a cintura. Mercúrio regressa.

JÚPITER Que bela mulher...

MERCÚRIO *(como se não o ouvisse)* Além do mais, os dialogadores evitam a maçada de termos de improvisar uma conversa de pura amabilidade... Sabes o que eu lhe disse? Que os neurónios...

JÚPITER Por acaso não és Mercúrio? — *(Vê Mercúrio sob a sua forma mitológica, as asas nos pés).*

MERCÚRIO *(preocupado)* Qual Mercúrio?

JÚPITER O deus, quem havia de ser?

MERCÚRIO Bem sabes que não há deuses...

JÚPITER Não me reconheces? — *(Imagem de Júpiter sob a forma mitológica, um raio na mão).*

MERCÚRIO Júpiter! — *(Preocupado)* — Se te reconheces, matam-te, os deuses foram proibidos de existir, pelo menos depois do século XIX. Condenados à morte. Passaram de moda e eu próprio pensei que tivesses morrido ou que te tivessem fuzilado nalguma revolução. Já não te vejo há...

JÚPITER Qualquer coisa como dois mil anos...

MERCÚRIO Dois mil anos, desde que se espalhou por todo o universo que um marinheiro ouvira dizer: «Pã morreu!» Por onde tens andado? Escondeste-te para fugir à ferocidade das perseguições?

JÚPITER Fui para os confins do espaço e... — *(Aproxima-se de Júpiter um mensageiro)* — Então?

MENSAGEIRO Juno continua no quarto, a descansar.

JÚPITER Ninguém lhe disse que vim à Terra?

MENSAGEIRO Não sabe de nada.

JÚPITER Vai, e avisa-me se entretanto houver alguma novidade. — (*O Mensageiro sai*).

MERCÚRIO Que vieste fazer à Terra?

JÚPITER Ver o que se passou entretanto... Muita coisa?

MERCÚRIO Nada, isto é, quase nada. Mas os homens pensam que se passaram muitas coisas e como a memória é fantasista, deturpa tudo, julgam que o passado foi diferente do presente, inventaram outro passado. Salvo erro, foste-te embora quando o Império Romano...

JÚPITER Aqueles tipos que tinham a mania de dominar o mundo?

MERCÚRIO Mas é o que ainda hoje sucede com os actuais impérios. Nada mudou, ou melhor, mudaram os nomes, as aparências. E os impérios tornaram-se mais hipócritas, dominam hoje os outros povos em nome da liberdade e do bem-estar social.

JÚPITER Decretei que desapareceria o Império Romano lá pelo século V. Foi o que sucedeu?

MERCÚRIO Não exactamente... Compreendes, deus fora, dia santo na loja. O Império Romano limitou-se a mudar de gerência, ficou tudo igual. Mas os livros falam-te-ão de muitos acontecimentos, muitas coisas que teriam acontecido. Foi criada uma nova profissão, a dos historiadores, sabes? Aos historiadores compete inven-

tar um passado diferente, um passado cheio de movimento, dramático, permitindo aos homens a ilusão de que a vida é uma aventura. Chegaram ao ponto de inventar que não se vestiram sempre como hoje, que nem sempre houve aviões, agricultura, metalurgia, computadores...

JÚPITER Espantoso!

MERCÚRIO Oficializar uma tal profissão foi um erro, mascararam-se de agitadores sociais, afirmam que houve transformações e até progresso... E que portanto poderá continuar a havê-lo, que a nossa sociedade não é definitiva...

JÚPITER Os deuses são hoje perseguidos. Não tens medo?

MERCÚRIO (*apreensivo*) Se te descobrem, matam-te. Mas eu não, sou Mercúrio, deus da eloquência, deus industrioso, já te esqueceste? Deus do comércio e da indústria... Adaptei-me, fiz-me industrial, continuo igualmente a ser deus, mas eles têm a ilusão de que sou apenas homem. Associei-me a Anfitrião, administramos a IBH, o grande monopólio mundial de dialogadores...

JÚPITER (*curioso*) Quem é Anfitrião?

TRÊS COMÍCIOS SUCESSIVOS

Cartazes. «Com o IBH Dialogador conquistarás o amor», etc.

ANFITRIÃO (*tribunício*) Naturalmente os nossos adversários fazem promessas que não tencionam cumprir, pretendem votos unicamente... — (*Palmas, vozes: «Viva Anfitrião!»*)

*Outro comício.
Anfitrião, com outro fato.*

Temos uma tradição a defender, uma tradição milenária que não pode ser posta em causa com vãs promessas. As palavras dos nossos adversários políticos ignoram a realidade, mas eu dei-vos a Palavra. Através dos dialogadores semeio palavras e as palavras... — (Vozes, vivas).

*Novo comício.
Anfitrião, com outro fato.*

Prometi-vos palavras, dei-vos palavras. Mas palavras que completam as vossas vidas, que dão outro sentido às vossas vidas. Palavras cada vez mais capazes de novas combinações, combinações cada vez mais ricas. — (Vozes repetidas: «Com o IBH Dialogador não há segredos, temos a palavra na ponta dos dedos»).

RUA, porque entretanto saíram do supermercado.

JÚPITER É ele o teu sócio?

MERCÚRIO Por sinal, casou com aquela mulher que tu achaste muito bela, lembras-te? Aque-la com quem estive a falar...

JÚPITER Poderia lá esquecer-me!

SALA NA CASA DE ALCMENA

Mobília muito funcional, tão funcional como incómoda. Todos os móveis são de matéria plástica transparente (o que levará, numa cena posterior, Júpiter a tropeçar constantemente neles por não

os ver). Um biombo transparente perto da porta. Bebidas. E revistas: Elle, Vogue, Burda, Marie Claire. Alcmena com a criada Brómia que entretanto vai limpando o pó. Alcmena ao telefone.

ALCMENA Tiveste muito trabalho, Anfitrião? Três comícios seguidos? Diz. Sim. Saudades? Certo. Pois. Não. — (Põe o dialogador a funcionar, liga-o ao telefone e pega numa Elle).

DIALOGADOR DE ALCMENA (*ligado ao telefone*) Muitas, muitas saudades, Anfitrião. As vezes pego numa revista, começo a ler, mas não posso continuar, penso em ti...

Entretanto Alcmena aproxima-se de Brómia, enquanto o dialogador continua a falar (ouvem-se aqui e ali palavras como «sim», «não», «hei-de ver», «amanhã»...). Conversa com Brómia e ao mesmo tempo desembrulha um candeeiro.

ALCMENA (*para Brómia*) Que é que me querias dizer?

BRÓMIA (*sempre a limpar o pó*) Se a minha senhora me subisse o ordenado...

ALCMENA Para que queres ganhar mais? — (*Estuda o sítio onde colocar o candeeiro*) — Tens casa, cama, roupa lavada...

BRÓMIA Gostava de casar, minha senhora.

DIALOGADOR (*ao telefone*) DE ALCMENA Sim, sim, penso em ti... Estes dias parece que nunca mais passam.

ALCMENA (*para Brómia*) Para que precisas de casar? Casas, depois os filhos, as preocupações... — (*Sobre uma cómoda, uma*

fotografia do casamento de Alcmena com Anfitrião) — És uma ingrata, é o que és, já te esqueceste da barraca aonde te fui buscar.

DIALOGADOR (ao telefone) DE ALCMENA E podias ter-me escrito pelo menos uma carta... Ou deixado cá em casa um dos teus dialogadores para conversarmos. Mas esqueceste-te... Dantes não te esquecias. Que dizes? Existe um na gaveta?... (*A fotografia do casamento*) — Como? Vens amanhã?

Alcmena que deixou Brómia e se encostou à janela, mas ouviu o dialogador.

Amanhã... E assim se acaba este repouso... De novo aturar-te, ouvir a descrição dos teus êxitos, a maçada até de sincronizar o meu dialogador com o teu... — (*Fala para a fotografia de Anfitrião*)

BRÓMIA Depois vinha ajudar a senhora...

QUARTO DE HOTEL (*Anfitrião e Josefina*) alternando com a SALA DE ALCMENA.

Terá de haver grande vivacidade nas alternâncias de um quarto para o outro. O público terá de compreender nitidamente que o espaço não é o mesmo. Mas depois de o público perceber que os espaços são diferentes, suprimi-los e jogar talvez com grandes planos dialogando entre si—como se as quatro personagens falassem umas com as outras, arbitrariamente.

Anfitrião e Josefina abraçam-se e conversam, enquanto o dialogador dele está ligado ao telefone.

DIALOGADOR DE ANFITRIÃO Pois é, Alcmena, tenho muitas saudades tuas. É pena não estares aqui comigo, não podes imaginar o que foi o último comício. Um êxito, saída aos ombros. Sim, sim... Mas não queriam que eu acabasse, exigiam mais...

ANFITRIÃO Amor... — (*Abraça Josefina, desapertalhe o vestido*).

DIALOGADOR (ao telefone) DE ALCMENA Ontem comprei um vestido e...

Alcmena, entretanto folheia a Vogue.

DIALOGADOR (ao telefone) DE ANFITRIÃO Onde vais colocá-lo?

Deixa de se ouvir o dialogador de Alcmena para se ouvir o monólogo dela.

ALCMENA Porque não ficas aí mais uma semana? Porque não me deixas em paz? — (*Dirige-se à fotografia de Anfitrião*) — Julgas que não sabia que tinhas um dialogador na gaveta da secretária? Um dialogador velho com uma tecla estragada, e que nem sequer sabe pronunciar a palavra amor, troca-a sempre pela palavra indiferença, um dialogador que se encrava muitas vezes, que sempre acaba por falar da cultura da batata.

DIALOGADOR (ao telefone) DE ANFITRIÃO És tu que falas ou o dialogador?

DIALOGADOR (ao telefone) DE ALCMENA Eu...

Alcmena observa o dialogador.

DIALOGADOR (ao telefone) DE ANFITRIÃO É bom que sejas tu, Alcmena...

Anfitrião beija Josefina.

DIALOGADOR (ao telefone) DE ALCMENA É bom que sejas tu, Anfitrião.

JOSEFINA (abraçando Anfitrião) Adia o teu regresso, amor, fica comigo, nunca tens tempo para mim.

ANFITRIÃO (libertando-se dos braços dela) Não posso.

Anfitrião tira do bolso um segundo dialogador e vira-o para Josefina, indo depois buscar um cigarro.

2.º DIALOGADOR DE ANFITRIÃO Tenho de partir amanhã sem falta.

DIALOGADOR (ao telefone) DE ALCMENA Se gostasses de mim...

1.º DIALOGADOR (ao telefone) DE ANFITRIÃO Devo chegar por volta das quatro da tarde.

2.º DIALOGADOR DE ANFITRIÃO Procura compreender, Josefina.

ANFITRIÃO (monologando) Tenho de telefonar ao Mercúrio. — *(Tira do bolso um terceiro dialogador).*

DIALOGADOR DE JOSEFINA Não, não compreendo...

2.º DIALOGADOR DE ANFITRIÃO Os princípios da termodinâmica são três.

DIALOGADOR DE JOSEFINA Os princípios da termodinâmica?

2.º DIALOGADOR DE ANFITRIÃO O primeiro... — *(Anfitrião apressa-se a carregar nas teclas do dialogador para emendar o programa do discurso).*

ANFITRIÃO Espera, há aqui um equívoco, devo ter-me enganado na tecla... Não, não posso, Josefina. Amanhã sem falta.

2.º DIALOGADOR DE ANFITRIÃO Não, não posso, Josefina. Amanhã sem falta.

DIALOGADOR (ao telefone) DE ALCMENA Comprei o candeeiro sem saber onde havia de colocá-lo, mas gostei dele. Depois, em casa, é que fui à procura do sítio... — *(coloca-o numa mesinha a um canto)* — No canto da sala, achas bem?

ALCMENA Sim, aqui talvez não fique mal... — *(Pega num segundo dialogador).*

2.º DIALOGADOR DE ALCMENA (monologando) Mas o melhor é dizer-te, o médico recomendou-me uns dias de descanso na praia.

DIALOGADOR DE JOSEFINA Amas-me?

2.º DIALOGADOR DE ANFITRIÃO (voz professoral) O segundo princípio da termodinâmica, o princípio da entropia...

JARDIM

O diálogo deve inserir-se, sem transição, na cena anterior.

JÚPITER Um casal em crise?

MERCÚRIO Bem, essa história é antiga. Eu não te disse que nada de novo se passou neste mundo?

JÚPITER Nem os dialogadores?

MERCÚRIO Já te expliquei que houve sempre dialogadores, tu é que não davas por eles.

AS DUAS SALAS DA PENÚLTIMA CENA

Anfitrião põe o segundo dialogador em cima da mesa. Josefina põe também o

dela em cima da mesa ao lado do de Anfitrião. Sublinhar bem este pormenor. Josefina aproxima-se de Anfitrião, beijam-se.

JOSEFINA Querido!

ANFITRIÃO Amor!

Desençam-se, dirigem-se à mesa onde deixaram os dialogadores, trocam-nos, sem darem por isso. Sublinhar a troca (os dialogadores deverão ter formatos diferentes).

2.º DIALOGADOR DE ANFITRIÃO *(nas mãos de Josefina)*
Mas que te parece? Achas que falei bem no comício?

DIALOGADOR DE JOSEFINA *(nas mãos de Anfitrião)*
Gostei muito de te ver, estavas belo, com os teus grandes gestos...

2.ª DIALOGADOR DE ANFITRIÃO *(nas mãos dela)* Pensava em ti, Josefina.

DIALOGADOR DE JOSEFINA *(nas mãos dele)* Era para mim que falavas, Anfitrião? De repente vi que tinhas os olhos em mim, era para mim que falavas...

RUA

JÚPITER Mas trocaram os dialogadores e não dão por isso?

MERCÚRIO Não tem importância, o que é preciso é vencer o silêncio, o que é preciso é comunicar.

JÚPITER Ter a ilusão de comunicar?

MERCÚRIO Realidade e ilusão são a mesma coisa, Júpiter. Mas não te esqueças que já antes de haver dialogadores os homens

não falavam, limitavam-se a pronunciar as palavras que tinham lido nos jornais ou ouvido na televisão. O silêncio já existia antes.

JÚPITER Talvez o grande erro que cometi tenha sido o de dar a palavra ao homem. Sem ela não haveria silêncio, o silêncio seria eterno. Mercúrio, quero aquela mulher...

MERCÚRIO Qual delas?

JÚPITER Como podes fazer essa pergunta?

MERCÚRIO Não sei porquê. Entre uma e outra... Que diferença encontras? Não são ambas mulheres, não são ambas iguais? — *(Lírico, irónico)* — Ah Júpiter, sempre essa mania das mulheres, esse teu frágil coração... Porque não fazes como eu que sempre uso esta armadura sobre o coração? — *(Abre o casaco, mostra a armadura)* — Cupido nunca poderá feri-lo com as suas setas...

JÚPITER *(sem o ouvir)* Quero aquela mulher...

MERCÚRIO Penso que Josefina é mais fácil...

JÚPITER Alcmena está em crise, porque há-de ser mais difícil?

MERCÚRIO *(preparando o dialogador)* É uma mulher séria.

JÚPITER Que é uma mulher séria?

DIALOGADOR DE MERCÚRIO Uma mulher que preza mais o que se pensa dela do que o pensa de si própria.

JÚPITER *(violento)* Proíbo-te... — *(Afasta o dialo-*

gador de Mercúrio) — Queres dizer que se ela pudesse amar outro sem que ninguém soubesse?...

MERCÚRIO De qualquer modo, nunca é possível amar outro homem sem que ninguém saiba. Sabe pelo menos o outro.

JÚPITER Mas esse...

MERCÚRIO Uma mulher séria só se daria a outro se ele não pudesse saber. Digo-te mais: se nem ela pudesse saber. É portanto só tens uma saída: disfarça-te de marido, disfarça-te de Anfitrião. Para ti, um deus, é fácil.

Aparece de novo o mensageiro, manquejando.

MENSAGEIRO Juno continua a descansar, Júpiter...

JÚPITER Que é que tens, estás manco?

MENSAGEIRO Fiz grande parte da viagem a pé, não havia transporte no Olimpo, uma greve, sabes? Tentei o auto-stop, mas nada... — (*Descalça um sapato, tira uma pedra.*)

JÚPITER (*desinteressado*) Juno não suspeita que vim à Terra?

MENSAGEIRO Não... Ainda pedi ao Cupido umas asas emprestadas, mas ele...

Gesto de Júpiter, o Mensageiro afasta-se.

MERCÚRIO Os velhos ciúmes de Juno, hem?

JÚPITER Aí tens, Mercúrio. Às vezes penso que Juno deveria ser menos séria, ter de vez em quando as suas aventuras. Seria mais compreensiva.

MERCÚRIO Ou ainda menos. — (*Pausa, observam o Mensageiro que faz maçagens aos pés, a maçagem é mensagem*) — Porque não me permites o uso do dialogador? Não compreendes que dispensa as pessoas do esforço de pensar sem que por isso impeça as conversas? Permite a felicidade, já que pensar torna sempre as pessoas infelizes... Ofereço-te um dialogador de laca doirada com vinte e cinco mil programas...

Afastam-se, perdendo-se na multidão.

OLIMPO

Juno com um vestido de cerimónia, mas semelhante a uma túnica romana. Explorar demoradamente o Olimpo antes de Juno falar. Colunas gregas, claro, mas também um frigorífico, um televisor, uma alta-fidelidade. Biblioteca, cujos livros serão demoradamente observados pelos espectadores: Obras do Marquês de Sade, O Capital, de Marx, O Casamento e a Moral, de Bertrand Russell, Roland Barthes (Fragmentos de um Discurso Amoroso), uma história da mitologia, Freud (Interpretação dos Sonhos), Lévi-Strauss (Mythologiques), a Bíblia, Nietzsche (A Origem da Tragédia), Simone de Beauvoir (O Segundo Sexo), revistas: Playboy, Newsweek.

JUNO (*fechando o frigorífico*) Ah, este néctar liofilizado, esta ambrósia congelada sabem mal... (*Preocupada*) — Um milagre... Não, os milagres não são possíveis, sei-o melhor do que ninguém, sou Juno, sou deusa. E tu, Júpiter, julgas

que ignoro a tua viagem à Terra, que não sei que aproveitas todas as oportunidades para me fugir? Seria melhor separarmo-nos, que mais poderemos esperar um do outro? — (*Vai a uma estante e tira, melancolicamente, um álbum de família com fotografias do casamento com Júpiter*) Mas quase te compreendo: foste viajar porque tens necessidade de histórias novas, não sabes transformar-me numa eterna história nova. — (*Vai folheando o álbum, mostrar as fotografias*) — E agora? Gostaria de ter sido todas as mulheres por quem te apaixonaste, de ser todas as mulheres de quem gostas... E dizes-lhes sempre as mesmas coisas, as coisas que te ouvi nos começos, ou és outro, como são outras as mulheres? Gostaria de ter sido todas as mulheres por quem te apaixonaste, excepto eu. Mas continuo à tua espera, eu que sei que já não me esperas, que nada esperas de mim. A espera do milagre. O milagre de que já desististe. E não lutarei mais, sou uma desistente... Cansada, terrivelmente cansada de esperar pelo dia em que me abandonarás para sempre. Cansada de ter medo, desta insegurança... Cansada de imaginares que podes fazer o que quiseres, que sempre te serei fiel... — (*Vendo um retrato em que Júpiter a abraça*) — Quando visitámos Atenas...

RUA

Júpiter aborda Alcmena. A cena em que se fala da travessia do rio poderá ser visualizada, com voz off. Júpiter levará

algum tempo antes de se atrever a dirigir-lhe a palavra.

JÚPITER Não te recordas de mim, Alcmena?

ALCMENA Nunca nos encontrámos, não o conheço. — (*Tenta afastar-se*).

JÚPITER Fui teu colega no liceu. Usavas tranças... Demos uma vez um grande passeio, atravessámos o rio. Peguei-te no braço.

ALCMENA Não é verdade.

JÚPITER Tens de recordar-te, Alcmena. Debruçados na amurada do barco, olhávamos um cardume de golfinhos. Havia ainda golfinhos no rio, a poluição não os tinha afastado. Peguei-te no braço, ficámos assim uns instantes, tu muito perturbada, depois retiraste o braço discretamente. Pensavas que era cedo, que não chegara ainda o momento?

ALCMENA É falso, nunca atravessei o rio contigo...

JÚPITER Dei-te o livro que andava a ler, as poesias de Camilo Pessanha. E ainda o tens, aposto. E com uma nódoa de café sobre um soneto, lembras-te? Porque passámos depois por uma leitaria, entornei a chávena num gesto desastrado. Todos os meus gestos eram desastrados, a minha timidez... Vestias uma blusa azul...

ALCMENA Não, não é verdade, nunca usei blusas azuis.

JÚPITER Quero que te recordes.

ALCMENA Desculpe, tenho pressa...

Alcmena continua o seu caminho, Júpiter segue-a com o olhar: os cabelos, as

pernas, os ombros, a cintura... Vai caminhando atrás dela até encontrar Mercúrio.

JÚPITER (abstracto) Impossível que não se recorde.

MERCÚRIO (sem compreender) Que dizes?

JÚPITER Foi há tantos anos, não será fácil reconhecer-lo. Enfim, poderia ter dito que não era eu. Mas não foi o que disse. Disse que não era verdade.

MERCÚRIO (vendo Alcmena ao longe) Ah, Alcmena... Não quer recordar-se. Já ouviste falar de Freud?

JÚPITER Finge que não se recorda.

MERCÚRIO Não quer ressuscitar o passado.

JÚPITER Tem medo...

OLIMPO

JUNO (continuando a folhear o álbum) Mas vou destruir-te, Júpiter. Destruir-te dentro de mim. E se a pouco e pouco, na Terra, as mulheres se vão libertando da tutela dos homens, porque não hão-de as deusas fazer o mesmo? Percebes, é o teu desinteresse que me vai forçar a... — (Perante um retrato) — Em Creta... — (Pausa) — Bem sei que estás apaixonado por Alcmena e vou ferir-te... Bom, para já preciso do conselho de Cupido.

OFICINA DE CUPIDO

Vitrines com retratos dos grandes pares amorosos da história. Sobre esses retratos, religiosamente guardadas, as setas

que lhes feriram os corações. As legendas respectivas: Páris e Helena, Narciso (em frente do espelho), César e Cleópatra, António e Cleópatra, Adriano e Antínoo, Tristão e Isolda, Romeu e Julieta, Pedro e Inês, Marilyn e Miller, Callas e Onassis. Espalhadas aqui e ali, as leituras de Cupido: Tintin, Astérix, O Homem Aranha, Tarzan, fotonovelas italianas, O Astro (ou a telenovela no momento a ser transmitida pela TV), Sagan (Bonjour Tristesse).

A forja onde trabalha nas suas setas. Uma lira, a um canto.

Cupido afia as setas e não dá pela entrada de Juno. Ironicamente, pode ouvir-se a cena da forja do Siegfried. Cupido terá na cabeça uma coroa de flores que de vez em quando escorregará, obrigando-o a segurá-la.

CUPIDO

(atento ao trabalho) Um aço cada vez mais ordinário... Quando a população mundial era menor, eu usava o oiro, mas agora com quatro mil milhões de homens torna-se impossível, as minas do Olimpo esgotaram-se, o amor está a esgotar as matérias-primas do Universo. E o aço, mesmo inoxidável, não é satisfatório. Aliás, por este andar, qualquer dia terei de recorrer ao plástico, o que será ainda pior. As setas têm de ser muito afiadas, têm de ferir o coração sem dor física. No outro dia atingi um jovem médico, ele pensou que se tratava de um enfarte e em vez de procurar a sua bela, dirigiu-se ao hospital... Desiludida, ela trocou-o por outro...

JUNO Como vai o teu trabalho, Cupido? —
(*Observa as setas expostas*).

CUPIDO As dificuldades acumulam-se, decidi reorganizar a minha oficina, introduzir a informática... A verdade é que no Olimpo nos deixámos ultrapassar pelos homens, vivemos ainda na era da velha metalurgia. Meti vários requerimentos para estagiar na América, mas tu sabes, a burocracia divina..., a papelada que temos de preencher... — (*Mostra-lhe um maço de papéis*) — Vês ali aquela papelada? Questionários que nem compreendo bem... Qual a taxa de lucro do amor? E pedem-me a data de nascimento, mas eu nem sei quando nasci, nem sequer sei o meu signo...

JUNO Virgem...

CUPIDO E uma certa orise entre os deuses. Não se resignam com a ideia de que podemos aprender muita coisa, não se libertaram da cultura clássica. O grego, o latim... Que sabem eles acerca das matemáticas modernas ou da química? A eternidade é má conselheira, como sabes, deixa escapar os pequenos factos concretos. Enfim, ouvi falar nos raios laser. E preciso de saber: não poderei substituir as setas pelos raios laser?

JUNO Diz-me, Cupido. Nunca te passou pela cabeça apontar uma das tuas setas contra mim, depois do primeiro ferimento que me fizeste?

CUPIDO Com uma seta de platina... — (*Mostra-lhe a vitrine onde guarda a seta de que se serviu para Júpiter a enfeitiçar*).

E o retrato dela e de Júpiter no instante do ferimento) — Perdi alguns dias a fazê-la e por causa disso muitos homens e muitos deuses não puderam conhecer o amor... Não, Juno, é impossível. Júpiter não me perdoaria.

JUNO Evitaríamos que soubesse. — (*Rasga o retrato e atira os pedaços ao chão*).

CUPIDO (*ajoelhando-se, apanha os pedaços*) A minha colecção... — (*Pausa*) — Talvez o verdadeiro motivo seja outro: não posso ferir de amor quem não quer ser ferido e tu não queres. Bem vistas as coisas, não amas, nunca amaste, deve ter havido qualquer defeito na seta que fabriquei para ti. Compreendes, há sempre uma percentagem de fracassos... Não amas, sofres porque não dominas o teu marido, o que é diferente. E criaste de ti uma certa imagem. Não sabes desfazer-te dessa imagem.

JUNO Que imagem é essa?

CUPIDO (*que entretanto voltou ao trabalho e dá ao fole*) A imagem que esperam de ti os outros. Vives para não desiludir os outros, não vives para ti. Os outros imaginam-te o modelo da esposa fiel, receias desiludi-los. Ou melhor: para ti tem mais importância não desiludir os outros do que desiludires-te a ti própria.

JUNO (*tirando-lhe a coroa de flores e enfeitando-se com ela*) Porque falas assim em vez de falares de consciência moral?

CUPIDO A consciência moral tem que ver com a nossa própria interioridade, não com a opinião dos outros. E tu procedes

como procedes, não em nome da tua consciência, mas em nome dos espectadores, representas um papel para os espectadores que te observam. E assim tu não és tu, mas o que outros desejam que sejas. E os outros precisam de ti assim como te imaginaram para poderem sentir-se em falta, sentir-se transgressores, tanto mais que está na moda a transgressão. Mas se tu própria transgredisses, onde estaria para eles o prazer de transgredir?

JUNO Explicas-me porque me preocupo mais com a opinião dos outros do que com a minha própria opinião?

CUPIDO (*tirando-lhe a coroa*) O que importa no mundo não é o que nós somos mas a aparência. Ambicionamos o poder e os outros só nos concedem o poder se formos como eles nos imaginaram. Além do que... Bem, é uma ilusão pensar que temos uma opinião, a nossa opinião é sempre a opinião dos outros. Interroga-te e verás... — (*Notando que tem uma asa descaída*) Não podias coser melhor a minha asa? — (*Vai buscar agulha e linha*) Aqui tens...

Juno começa a coser.

JUNO Diz-me... Por quem se apaixonou Jú-piter?

CUPIDO A palavra paixão será talvez excessiva, as minhas setas são hoje de muito má qualidade. Mas, enfim, digamos que Alcmena o seduziu. É jovem e sobretudo é outra... — (*Imagens de Alcmena*).

JUNO (*sempre cosendo a asa*) Quero vingar-me dela. Está quieto...

CUPIDO Vingares-te! Continuas a não ser quem és, mas a agir de acordo com as expectativas dos outros!

JUNO O marido é-lhe fiel?

CUPIDO Anfitrião é como Jú-piter. E é homem. Dos homens, os outros esperam que não sejam fiéis. Os homens não podem ser fiéis porque se o forem os outros julgam-nos mal. Questão de prestígio. E o prestígio mede-se em grande parte pelo número de conquistas. Nem Anfitrião nem Jú-piter amam as mulheres com sentimentos profundos. Amam para corresponder às expectativas dos outros... Uma questão de promoção social.

JUNO Neste momento Anfitrião interessa-se por alguma mulher que não seja Alcmena?

CUPIDO Evidentemente, Alcmena é mesmo a única mulher por quem ele não se interessa... Mas vê...

Anfitrião e Josefina abraçados.

JUNO Seduz Anfitrião... obriga-o a apaixonar-se por mim... — (*Pega numa seta*).

CUPIDO Inútil, basta que te veja.

JUNO (*aproxima-se da lira, tira algumas notas*) Tenho medo de ser reconhecida.

CUPIDO Ah, o medo dos outros! Porque não te disfarças?

JUNO Disfarçar-me-ei de Alcmena... — (*Imagem de Alcmena*) — Ou de Josefina? — (*Imagem de Josefina*).

CUPIDO Anfritrião cansou-se de ambas. Se queres conhecer o amor, devo já dizer-te, o que é belo é o começo. Não te aconselho a que te disfarces num amor já cansado. Olha para mim que continuo criança...

JUNO Eu sei. Mas não está aí a beleza? Rejuvenescer um amor já cansado?

CUPIDO Então mascara-te de Alcmena. E foi por ela que Júpiter se interessou...

JUNO Ajuda-me a ser Alcmena...

Cupido começa a maquilhá-la como se estivessem num teatro.

CUPIDO Cabelos loiros... — *(Enfia-lhe uma cabeleira, etc., até a transformar em Alcmena).*

COMICIO

Anfritrião agradece ao público que grita «Viva Anfritrião». Juno, disfarçada de Alcmena, sai de entre a multidão e encaminha-se para Anfritrião.

ANFITRIÃO *(vendo-a)* Oh, diabo! — *(Para Sósia, o motorista)* — Explica à Josefina que Alcmena apareceu inesperadamente. — *(Para Juno)* — Que se passa, amor?

JUNO Saudades...

ANFITRIÃO Que bom! Tinhas aqui uma ruga... Rejuvenesceste, Alcmena... — *(O público do comício vai saindo, sempre com os dialogadores na mão).*

JUNO Fiz-te uma surpresa. Estás satisfeito?

ANFITRIÃO Ah, se soubesses quantas vezes tenho sonhado com uma surpresa assim!

JUNO Não vim perturbar a tua vida?

ANFITRIÃO Engordaste um bocadinho nestes últimos dias, mas fica-te bem.

JUNO Não preferias que em vez de ser eu fosse outra? Não preferias que de entre a multidão surgisse uma desconhecida? Não passas o tempo à espera duma desconhecida? — *(Uma desconhecida imaginária sai de entre a multidão. Romanticamente).*

ANFITRIÃO Para mim és uma desconhecida. Tão desconhecida que nunca esperaria de ti que viajasses três horas só para me ver...

ESCRITÓRIO DE MERCÚRIO

Sem ninguém. Nas paredes numerosos écrans de vários tamanhos e feitios nos quais se desenham agitadamente linhas quebradas, curvas, etc., e panoramas de trabalhadores em fábricas, pessoas nas ruas. Por outro lado, numerosas máquinas vomitam longas tripas de papel que se vão enrolando no chão — o chão está cheio delas, dificultando os passos das pessoas.

Instantes depois, Júpiter e Mercúrio. Mercúrio não se importa de calcar a papelada, Júpiter vê cuidadosamente onde poisa os pés.

MERCÚRIO Mas como te dizia...

JÚPITER *(que se enrodilhou nos papéis)* Explica-me... Para que servem estas coisas?

— (Com um gesto indica também os écrans).

MERCÚRIO Para nada... Mas, enfim, permite-me saber o que se passa neste mundo... — *(Carrega num botão e vê-se uma cena de strip-tease. Depois carrega noutro botão: uma corrida de automóveis)* — Mas explica-me: que fizeste durante todos estes séculos?

JÚPITER Fui para os confins do espaço criar um novo sistema solar mais eficiente. Compreendes, Mercúrio, este mundo aqui está muito mal feito e eu não tive culpa, herdei-o de meu pai, era um mundo de desordem, sem lógica rigorosa, um mundo em que as mesmas causas não produzem sempre os mesmos efeitos, em que podem sempre acontecer as coisas mais inesperadas, sobretudo entre os homens, já não falo dos electrões. Foi um mundo oriado por deuses analfabetos que precisaram de milhares de milhões de anos, um colossal desperdício de energia e de tempo, para produzirem o homem desde a gota de hidrogénio primitiva. Engenheiros incultos, em suma, e o homem acabou por ser o que é, um misto de réptil e de macaco, um produto mais do acaso do que de uma planificação rigorosa, cientificamente projectada.

MERCÚRIO Ignoravam-se ainda os planos quinquenais.

JÚPITER Um mundo em que por um lado há mais palavras do que coisas e pelo outro mais coisas do que palavras. A confusão afinal, porque tudo quer dizer o que não

quer e nada quer dizer o que quer. Mas talvez o erro essencial tenha sido dar a liberdade ao homem. Aliás, sabes que isso também não foi culpa minha, foi o Prometeu.

MERCÚRIO Afinal queres um mundo onde melhor possas dominar os homens, em que eles não sejam livres... Mas é inútil essa ideia de criar um novo sistema solar. Aqui na Terra domino perfeitamente os homens e com a vantagem de que conservam a ilusão da liberdade. Julgam-se libertos dos deuses, mas sou eu quem os governa, são os deuses... Continuam tão supersticiosos como sempre foram, somente percebi que tinha de mudar de táctica. Dou-lhes a ilusão de que são livres, eleições, liberdade de imprensa, sabedoria, mas para fazerem o que eu decreto. Queres ver? — *(Carrega num botão)* — Vou mandá-los comprar o desodorizante Vénus.

JÚPITER Existe o desodorizante Vénus?

MERCÚRIO Não. Mas vais ver.

Aparece num televisor um desenho animado: surge um porco e todos os animais fogem dele, horrorizados com o cheiro. Então aparece um gato com uma fitinha e um guizo ao pescoço e dá-lhe o desodorizante Vénus. O porco besuntase com o desodorizante e todos os animais se aproximam dele apaixonadamente. «Qual foi o teu segredo?» pergunta-lhe outro porco. «Uso o desodorizante Vénus», responde.

MERCÚRIO Agora atenção...

Num outro televisor as imagens de um supermercado em que uma multidão se acotovela para comprar o desodorizante Vénus. Entre a multidão, Alcmene.

JÚPITER Alcmene...

MERCÚRIO Como?

JÚPITER Alcmene... E é estranho, imaginei-me o Adriano, o tal que atravessou o rio com ela e até já me sinto como se fosse ele.

SALÃO DE CHÁ

Dois grandes dialogadores colectivos, em frente um do outro nas paredes. Anfitrião e Alcmene. Frequentadores do salão de chá.

1.º DIALOGADOR COLECTIVO (voz masculina) Nós achamos que este chá é muito bom. E vocês? — (Várias pessoas dizendo que sim com a cabeça).

2.º DIALOGADOR COLECTIVO (voz feminina) Nós não ficámos admirados porque nesta casa todos os produtos são bons, muito bons.

1.º DIALOGADOR COLECTIVO Nós também achamos os bolos muito bons. E vocês?

JÚPITER Mas aqui as pessoas não usam os seus dialogadores individuais?

ALCMENA A conversa colectiva é muito mais interessante e cómoda. Compreendes, os dialogadores individuais ainda não estão suficientemente automatizados, é preciso carregar nas teclas, programá-los, uma maçada, enfim...

2.º DIALOGADOR COLECTIVO Nós achamos que uma sociedade que produz um salão de chá como este é uma sociedade perfeita... Vocês não acham?

ALCMENA E além disso os dialogadores colectivos são muito mais sociais, ajudam à criação duma consciência colectiva...

1.º DIALOGADOR COLECTIVO Nós achamos. E vocês?

2.º DIALOGADOR COLECTIVO Nós também. E vocês?

1.º DIALOGADOR Para nós é indiscutível. E para vocês?

2.º DIALOGADOR Nós não temos qualquer dúvida. Gostávamos de saber se vocês têm.

JÚPITER Não me respondas que não te lembras de mim, sei que te lembras, sei que em casa recordaste a nossa travessia do Tejo, que foste à procura do livro do Camilo Pessanha, abriste-o na página onde havia a mancha de café... Qual era o poema, viste?

ALCMENA Pareces, mas não és ele... O Adriano tinha um pequeno sinal no nariz, ninguém dava por esse sinal, só eu. Queres enganar-me.

JÚPITER Adoro-te, Alcmene.

ALCMENA Mas não és ele?

1.º DIALOGADOR Está a apetecer-nos uma nova chávena de chá.

2.º DIALOGADOR COLECTIVO A nós também... — (Todos os frequentadores do salão de chá estendem o dedo a chamar os empregados).

JÚPITER O passado passou, o passado é o que nós quisermos que tenha sido. Eis a nossa liberdade, Alcmena, não nos deixarmos dominar pelo que já desapareceu. É em relação ao passado que somos livres, não em relação ao futuro, sabes? É bom ter atravessado o rio contigo. E se é bom, porque havemos de deixar de ter atravessado o rio um com o outro? — (*Imagens da travessia do rio*).

QUARTO DE HOTEL

Juno (Alcmena) e Anfitrião abraçados.

ANFITRIÃO Nunca me explicaste... Essa história que me disseste uma vez, a travessia do rio... Nunca mais pensaste nesse homem?

JUNO A que propósito falas nisso? — (*Travessia do rio*) — Foi há tanto tempo que te contei...

ANFITRIÃO Um dia em que nos sentíamos extremamente felizes. De súbito, deu-nos para a sinceridade, falámos do passado, o passado antes de nos conhecermos. Nunca mais esqueci a tua felicidade enquanto contavas essa história. E às vezes penso: não vês nela uma história interrompida, não sentes que se continuasse talvez pudesses encontrar a felicidade completa?

SALÃO DE CHÁ E QUARTO DE HOTEL, ALTERNADAMENTE

ALCMENA Sim, às vezes penso: quem sabe se não teria estado ali o meu destino? O último dia de aulas, é estranho que não nos

tivéssemos aproximado antes um do outro... Porque nos aproximámos nesse dia?

JÚPITER Não me passaras despercebida, mas sou um tímido... De repente, senti coragem. Estavas a ver as notas, eu também. Depois, saímos juntos...

JUNO Saímos juntos e foi então que ele me disse: Se atravessássemos o rio? Nessa época o rio ainda não estava poluído, havia muitos golfinhos. E medusas, não sei se se chamam medusas, pareciam flores ou chapéus de sol muito abertos. Tão bonitas!

ANFITRIÃO E depois?

1.º DIALOGADOR COLECTIVO Nós achamos que só uma sociedade perfeita como a nossa poderia produzir salões de chá como este.

ALCMENA Não combinámos nada, não combinámos um encontro. Desejei tanto que me pedisses o número do telefone! Porque não pediste?

JÚPITER Era tímido... Passei o tempo a repetir-me: «Tenho de combinar um encontro, tenho de pedir-lhe o número do telefone». Faltou-me a coragem.

JUNO Depois, as férias. Passei as férias à espera dele. E a desejar que acabassem depressa...

ANFITRIÃO E nunca mais o viste?

ALCMENA Quando as aulas recomeçaram, procurei-te por toda a parte.

JÚPITER O meu pai era oficial do exército, transferiram-no para outra cidade.

JUNO Procurei-o, procurei-o...

ANFITRIÃO Pensas muitas vezes nele? Sentes que qualquer coisa na tua vida ficou por concluir?

JÚPITER Sentes que na tua vida qualquer coisa ficou por concluir? Aqui tens, Alcmena. Vamos recuperar o tempo perdido.

2.º DIALOGADOR COLECTIVO Sim, apetece-nos uma nova chávena de chá.

1.º DIALOGADOR COLECTIVO Também a nós.

ALCMENA O que aconteceu, aconteceu. E o tempo perdido não se recupera, Adriano.

JUNO Em vez de recuperarmos o tempo perdido, talvez fôssemos estragar um belo sonho.

ALCMENA No passado não se toca, não mo estragues, Adriano. Não quero voltar a ver-te, já não és quem foste.

ANFITRIÃO Como se explica que nos tivéssemos afastado um do outro durante tanto tempo? Vou contar-te uma coisa, Alcmena. Acabara por desistir, procurava ressuscitar a vida nas aventuras, nas outras mulheres. A vida nova, a ilusão... E aqui, nesta cidade..., digo? Não digo? Deixa-me confessar: vim com outra... Ah, aqueles serões em que já nada dizíamos um ao outro, em que ligávamos os dialogadores e discutíamos mineralogia ou direito comercial! E de súbito vens ter comigo e já nada parece impossível! E vejo-te mais nova!

ALCMENA Não sabes? O amor rejuvenesce...

ANFITRIÃO Ouve, amanhã ainda tenho de ficar aqui, mas depois regresso... Estarás à minha espera?

JÚPITER Ainda esperavas por mim?

JUNO Volta depressa, amor!

FORJA DE CUPIDO

JUNO Por tua culpa, Júpiter! Foste tu com o teu desamor que me atiraste para os braços de Anfitrião. Estou cansada de amar pelos dois, cansada de fazer todo o esforço, um esforço que não pode ser feito só por um, estou cansada, Júpiter, de ser explorada no amor, compreendes? E começava a ceder tanto para vires ao meu encontro que qualquer dia o pouco que ainda conservo de mim mesma ficaria vazio. Nada restaria de quem sou, percebes? — (*Descobre a um canto o retrato dela com Anfitrião. E uma seta*) — Mas sou eu... É Anfitrião... E esta seta...

Surge Cupido, tocando lira. Vê-a, interrompe a música.

CUPIDO Conta-me o que se passou.

JUNO Ainda perguntas! Explica-me... Desfechaste a tua seta contra mim? — (*Mostra-lhe a seta e o retrato*).

CUPIDO Seria incapaz disso, além do mais tenho medo de Júpiter... — (*Tira-lhe a seta*) — Não, esta seta não foi para ti.

JUNO E este retrato? — (*Mostra-lhe o retrato em que, junto de Anfitrião, está a ser atingida pela seta*).

CUPIDO Esse retrato é uma brincadeira, pura imaginação... Mas apaixonaste-te?

JUNO Bem o sabes.

CUPIDO Ouve, Juno... Além do mais, já passou o tempo em que era necessário disparar setas para que alguém se apaixonasse.

JUNO Se não é necessário, porque continuas a trabalhar? — (*Mostra-lhe a forja, as setas*).

CUPIDO O mundo foi de tal modo feito que sobrevivem os velhos costumes, mesmo quando já não têm razão de ser. Hoje ninguém espera pelas minhas setas. Compreendes, estamos numa sociedade permissiva... Mas se eu não fingisse que sou necessário que seria de mim? O desemprego... Nunca ouviste dizer que morreram os deuses? Eles não morreram mas os homens julgam que são desnecessários. Pior: são os próprios deuses que se julgam desnecessários, que se demitiram das suas responsabilidades, têm medo quando vêem uma assembleia geral de homens, não se atrevem a metê-los na ordem. As votações de braço levantado apavoram-nos.

JUNO Disparaste a tua seta.

CUPIDO Disparei. E preparei para ti uma seta especial de platina, da boa, da antiga, da genuína... Doe-te o coração?

JUNO Apaixonei-me por Anfitrião, estou disposta a tudo... Que vai ser de mim?

CUPIDO Destrói Alcmena, ocupa o lugar dela.

JUNO Anfitrião já não ama Alcmena, não poderia portanto amar-me se eu me transformasse em Alcmena. E além disso... Se Júpiter sabe? Aconselha-me, Cupido. Porque procedeste assim?

CUPIDO Tinhas-me pedido...

JUNO Não, não pedi nada.

CUPIDO Pediste, Juno.

JUNO Que posso fazer?

CUPIDO Usa toda a tua sedução de modo a que Júpiter ame profundamente Alcmena, e se esqueça de ti. Envolva-o nos teus braços... Julgando-te Alcmena, Júpiter esquecer-se-á de ti...

JUNO (*indignada*) Que propões? Que engane Anfitrião com Júpiter? Ofendes-me, Cupido. Não, não pode ser, não posso enganar o meu amado Anfitrião...

CUPIDO Deverias saber que só os fins interessam, não interessam os meios. E se é necessário enganares Anfitrião para conquistar Anfitrião, então engana Anfitrião, deita-te com Júpiter. Supondo-te Alcmena, Júpiter deixará de te amar, amará Alcmena. Que serás tu.

ESCRITÓRIO DE MERCÚRIO

MERCÚRIO Conquistaste-a?

JÚPITER Prefere o passado ao presente, quer conservar o passado numa redoma, prefere sacrificar o presente... E o único homem que não poderá conquistá-la é portanto o Adriano. Conservá-lo-á protegido no passado até à morte. Incorpora

ruptível. Desejará guardar a ilusão de que com ele poderia ter conhecido a felicidade perfeita. E uma ilusão defende-se. — (*Enrodilha-se nas fitas espalhadas pelo chão e cai. Receoso*) — Terei estragado alguma coisa?

MERCÚRIO Não, não te preocupes... — (*Mercúrio começa a rasgar os teletextos que juncam o chão e põe-nos no cesto dos papéis*).

JÚPITER Como? Deitas fora todo esse saber?

MERCÚRIO (*lendo*) As onze horas da manhã o meu cão tinha duas pulgas... — (*Continua a ler*) — A segunda pulga era já uma pulga velha com poucas horas de vida...

JÚPITER Mas preciso de Alomena, desejo-a...

MERCÚRIO Tu, um deus, assim perturbado...

JÚPITER Um deus! Achas que os deuses existem? Existimos, de facto?

MERCÚRIO Tens um processo fácil de demonstrar que existem e que és um deus.

JÚPITER Explica-te...

MERCÚRIO Transforma-te em Anfitrião enquanto ele está fora. Já que criaste os homens é muito mais fácil imitá-los.

JÚPITER (*rasgando também alguma papelada*) Não, Mercúrio. Quero que Alcmena me aceite naturalmente, sem artifícios divinos. É nisso que me oponho a Cristo, ele não soube ser somente homem, admitiu a verdade, isto é, que era um deus... Quero que ela me aceite como se eu fosse apenas um homem, um homem

que só agora vai conhecer, um homem sem qualquer divindade e até sem o prestígio dum passado romântico, como é o caso do Adriano. Apresenta-ma. Quero que tudo se passe com naturalidade. Como se não houvesse deuses.

MERCÚRIO A naturalidade é que há deuses, Júpiter.

QUARTO DE HOTEL

ANFITRIÃO (*arrumando as malas*) Mas que se passa comigo que não consigo tirar Alcmena do pensamento desde que veio visitar-me? Que há nela, que até parece outra? Que há nela, que até vou faltar ao próximo comício, e estou disposto a perder as eleições para poder abraçá-la imediatamente? — (*Sai do quarto, entra num automóvel*) — Depressa, Sósia! — (*O carro arranca, a estrada, a velocidade*).

INTERVALO

Aproveitar o tempo de publicidade televisiva, para meter, misturado com os anúncios reais:

«Para o IBH Dialogador
não há segredos,

tem as palavras na ponta dos dedos».

Desenho ou fotografia com uns dedos carregando nas tectas de um dialogador.

SEGUNDA PARTE

RECEPÇÃO PARA A APRESENTAÇÃO DOS NOVOS MODELOS DE DIALOGADORES

Grande reunião: Júpiter (disfarçado de um homem qualquer), Mercúrio, Alcmena, Cupido, convidados. Mercúrio fala, mas de princípio não se percebe o que diz. Os convidados conversam, servindo-se dos dialogadores. Comem. Bebem.

MERCÚRIO ...vem isto a propósito da nova gama de dialogadores que hoje vos apresentamos, a linha alfa. Mas porquê os novos dialogadores quando os antigos já pareciam insuperáveis? Porque, sempre insatisfeitos e adivinhando os novos desejos do público, lhes introduzimos algumas inovações que transformam os anteriores modelos em autênticas peças de museu. Inovações de fundo, graças à incorporação de cristais de herminium e a uma nova cadeia de microestentores platinados com bornes cristalinos acoplados paralelamente a três significadores de frequência subliminar. — (*Mostra um esquema*) — O impulso electro-

magnético é agora enviado da direita para a esquerda e polariza-se nestas três células de herminium. — (*Pausa*) — Mas nada vos obriga a ouvir-me... Dancem à vontade...

Os convidados começam a dançar o minuete.

CUPIDO

(*em voz baixa*) Para reforçar o efeito da tua paixão por Alcmena vou disparar contra ti, Júpiter. — (*Dispara a seta. Aliás, durante toda esta cena disparará setas várias vezes, contra vários corações*).

JÚPITER

Ai! — (*Leva a mão ao coração*)

ALCMENA

Que foi? Uma dor no coração?

JÚPITER

Amo-te, Alcmena.

ALCMENA

(*preocupada*) Não será melhor ires ao médico? Sentes-te bem?

JÚPITER

Amo-te...

ALCMENA

Talvez um electrocardiograma...

JÚPITER

Amo-te...

ALCMENA

Nem sequer nos conhecemos bem.

JÚPITER

Por isso mesmo.

ALCMENA

Deixarias de gostar de mim se me conhecesses melhor... — (*Começam a dançar*)

DIALOGADOR DE MERCÚRIO ...de salientar também o formato do dialogador, desenhado para se adaptar perfeitamente à configuração da mão. — (*Mostra um esquema*) — Já repararam, decerto, os antigos dialogadores foram concebidos como se o homem não tivesse polegar oponível, como se...

JÚPITER *(para Alcmena)* Sabes perfeitamente que esse problema não tem sentido. Sempre o amor surge quando ainda não conhecemos bem o outro, deixamos de amar quando o conhecimento se aprofunda. De resto... Que é conhecer? Amo-te, amo a mulher com quem neste momento converso, amo-te como és agora. Para que falar do futuro se o futuro não existe, se nunca ninguém, salvo os deuses, o viu?

ALCMENA Quero ser amada para sempre. — *(Enca-minham-se para um terraço que dá sobre a cidade, o rio ao longe, a lua).*

JÚPITER O amor de Anfitrião não é para sempre?

ALCMENA À medida que me vai conhecendo melhor, Anfitrião diz que me conhece cada vez menos. E então... De acordo com a tua ideia deveria amar-me cada vez mais, não é?

DIALOGADOR DE MERCÚRIO Mas também as teclas foram desenhadas para melhor se adaptarem aos dedos, uns dedos que já não são garras... — *(Mostra fotografias com dedos de homem e garras de animais).*

JÚPITER Não faças jogos de palavras. Foste de tal maneira concebida que é a Alcmena do princípio que desperta o amor, não a outra... Como toda a gente. O teu erro, o teu desgosto, é desejares o impossível, o amor eterno. Aceita a verdade, só podes ser amada nos primeiros instantes, a Alcmena que pode ser amada é a primeira, não a segunda... E além disso...

ALCMENA Diz...

JÚPITER Além disso, tu também só podes amar nos começos. A Alcmena capaz de amar é a primeira. Não é verdade que só amaste Anfitrião nos primeiros tempos?

ALCMENA Seria capaz de amá-lo eternamente se ele fosse sempre como nos primeiros tempos.

JÚPITER Erro, Alcmena. Não permitimos aos outros que sejam sempre como nos primeiros tempos porque nós próprios não o sabemos ser. Amo-te, Alcmena. Tal qual és hoje, e é tanto! Deixa a eternidade para os deuses, mas eles detestam a eternidade, podes crer.

ALCMENA Os deuses não existem.

JÚPITER É uma opinião, por vezes a opinião dos próprios deuses. Mas se os deuses duvidam é porque existem, não será essa a prova suprema?

ALCMENA É esse o teu discurso do método?

JÚPITER Que queres dizer?

ALCMENA O teu discurso, o teu método de conquistador. Já falaste assim a muitas mulheres?

JÚPITER Falei. Mas ama-se sempre a mesma mulher, não sabes?

ALCMENA Pelo menos és sincero, confessas que nunca amaste mulher nenhuma. Mas aí vai a resposta. Se te conhecesse melhor talvez pudesse vir a amar-te. O outro, o daqui a uns meses, talvez possa amá-lo. Aquele que és hoje, não.

JÚPITER Espera... Posso transformar-me imediatamente nesse outro.

ALCMENA Só o tempo.

JÚPITER Deixa o tempo, o tempo somos nós a fazê-lo. Explica-me o que te desagrada em mim.

ALCMENA A pressa...

Júpiter faz um gesto e o tempo passa. Dois anos correm e entretanto Júpiter e Alcmena estão em Montes Claros; ao longe, o Tejo.

JÚPITER Lembras-te de mim?

ALCMENA As vezes tenho pensado em ti. Que teria sido feito de ti? E sempre me fascinaram essas pessoas com quem nos cruzamos um instante e que depois desaparecem... Aconteceu-me uma vez, quando ainda estava no liceu. Mas deixemos isso. Sim, recordo-me de ti. Há dois anos. Foi há dois anos... Disseste que gostavas de mim. — *(Pausa)* — É verdade? E o teu coração?

JÚPITER O meu coração?

ALCMENA Sentiste uma dor... E na tua idade... Devias deixar de fumar. — *(Tira-lhe o cigarro da boca e começa a fumar).*

JÚPITER Mais algum homem te declarou o seu amor, entretanto?

ALCMENA Alguns.

JÚPITER E o teu marido?

ALCMENA Raramente. O meu marido transformou-se num hábito e os hábitos não se dá por eles. Ou só damos por eles indi-

rectamente, são o vazio da vida. Não te acontece? Chego a esquecer-me de mim própria... — *(Júpiter tira-lhe o cigarro e fuma)* — Mas que grande amor era esse que nunca mais me procuraste? Mentira... Tinhas então razão quando disseste que só aquela Alcmena amavas, que logo deixarias de amá-la?

JÚPITER Não foi bem isso que eu disse. Mas desapareci para te mostrar que não tinha pressa.

ALCMENA *(tirando-lhe outra vez o cigarro e fumando)* Sentiste um profundo desespero?

JÚPITER Nunca te esqueci, Alcmena. Durante dois anos não saíste do meu pensamento. Mas dois anos para mim são dois segundos.

ALCMENA Dois anos são dois anos. Quando amamos alguém, quando se espera, o tempo não diminui, eterniza-se.

JÚPITER Depende... Mas continuo a amar-te. E como para mim dois anos são dois segundos, continuas a ser a primeira Alcmena que conheci. Não a segunda, a primeira... E apareceram-te estes três cabelos brancos... Pensa nos dois anos que perdeste, já que para ti dois anos são dois anos. — *(Estarão perto do tanque de Montes Claros. Cisnes, patos).*

ALCMENA Não perdi anos nenhuns. Se então te tivesse dito que sim, não estarias hoje aqui.

JÚPITER Mentas.

ALCMENA Procurar-me-ás dentro de dois anos? —
(*Júpiter, tirando-lhe o cigarro, fumando*)
— Para mim dois anos são dois segundos...

ALCMENA Espera então esses dois segundos!

JÚPITER Serás minha então?

ALCMENA Veremos... Se continuares a procurar-me... Mas não te dou a certeza, talvez entretanto descubra que não és quem eu espero. Mesmo assim arriskas?

Novo gesto de Júpiter, dois anos passam.

BARCO QUE ATRAVESSA O RIO

JÚPITER Tinhas três cabelos brancos, hoje são cinco... Não, seis. Amo-te, Alcmena. — (*Alcmena, tirando-lhe o cigarro e fumando*) — Desapareceram os golfinhos, a poluição expulsou-os do rio...

Gesto de Júpiter, e aparecem golfinhos.

JÚPITER Vê...

ALCMENA Não posso crer... És bruxo? Enfeitiçaste-me, é por isso que vejo golfinhos?

JÚPITER Amo-te. Se te apaixonares por mim nunca mais deixarás de ver golfinhos, medusas... Não sabias que é isso o amor? Romper com os hábitos, descobrir que tudo é diferente e inesperado?

ALCMENA Gostava de ver uma sereia.

JÚPITER És uma sereia.

ALCMENA Não brinques, mostra-me...

(Gesto de Júpiter, a sereia aparece).

ALCMENA Não és um homem, és feiticeiro...

JÚPITER Porque não dizes um deus? Amo-te, deus é amor...

ALCMENA Mostra-me o arco-íris.

JÚPITER Não tens medo que chova depois?

ALCMENA Mostra-me o arco-íris sem chuva depois.
(*Gesto de Júpiter, aparece o arco-íris*).

ALCMENA Desculpa, o amor não é criar ilusões, amar é ver o mundo tal qual é.

JÚPITER Ninguém sabe como o mundo é, Alcmena.

ALCMENA Procurar-me-ás ainda dentro de dois anos? Sim, creio agora que virás à minha procura. Mas só se eu não for tua... Continuarei a esperar.

JÚPITER Perdes a tua vida, Alcmena.

ALCMENA Ganho-a, sinto que existo.

SALÃO DE RECEPÇÕES

Júpiter e Alcmena conversam, enquanto os outros dançam.

MERCÚRIO ...com a vantagem de que podem disparar dez palavras por segundo, o que permite conversas cada vez mais ricas, um acréscimo de informação... — (*Mercúrio liga de novo o dialogador e vai dançar*).

DIALOGADOR DE MERCÚRIO Uma completa gama de dialogadores. De laca preta, de laca vermelha, de laca azul. E aqui têm o dialogador de prata, aqui o de oiro maciço,

mas tão leve, como se fosse de éter... E com uma característica notável: imita, simula manifestações inconscientes, basta carregar neste botão azul. Actos falhados, palavras trocadas e habilmente previstas para uma dissertação sobre física nuclear: *amo-te* em vez de *átomo*, por exemplo. Ou *dá-me um beijo* em vez de *electrão*. — (*Projecções demonstrativas*) — Este, com platina e com cinco células de herminium dispostas em V, tem um dispositivo musical. Falamos de matemática? Bach, o *Cravo bem Temperado*. Expressimos as grandes paixões humanas? Wagner, o *Tristão*. Paisagem? Debussy. A subtileza profunda dos mais íntimos sentimentos? Mozart.

Os convidados entretanto foram saindo, Alcmene também. Júpiter observa uma grande máquina, Mercúrio aproxima-se.

MERCÚRIO Adivinhas o que é?

JÚPITER Talvez o primeiro dialogador...

MERCÚRIO Imagina o esforço necessário que não foi preciso para reduzi-lo a tão pequenas dimensões! — (*Entusiasmado*) — Porque virá o dia em que miniaturizaremos o mundo. O dia em que reduziremos o universo ao tamanho da cabeça dum alfinete. Já pensaste como é importante, a economia de espaço que representa? E homens miniaturizados consumirão muito menos alimentos, muito menos...

JÚPITER (*interrompendo-o*) Alcmene continua a resistir.

MERCÚRIO Porque não aceitas o meu conselho, não te disfarças de Anfitrião?

JÚPITER Quero o amor dela, espontaneamente dela, sem ter de recorrer a artifícios.

MERCÚRIO Erro, Júpiter, uma vaidade absurda, o que importa é o êxito. E, de resto, ninguém amará ninguém se não soubermos fingir o que não somos. Porque somos todos vazios, ninguém tem qualquer interesse, e só a imaginação poderá transformar-nos, dar a cada um o que não tem. Mente, inventa que és o que não és, torna-te mais interessante... O amor virá depois.

SALA DE ALCMENA, depois alternando com a COZINHA. Alcmene lê a Elle sem dar pela entrada de Júpiter (disfarçado de Anfitrião). Mas ele, que não vê o biombo transparente da entrada, atira-o ao chão.

ALCMENA Anfitrião! — (*Ajuda-o a levantar-se*) — Por Júpiter, que desastrado!

JÚPITER Poderia lá ver uma coisa destas!

ALCMENA Compraste-o tu!...

JÚPITER Sim, sim, mas não sei para que serve um biombo transparente.

ALCMENA Para decorar a casa...

JÚPITER Se não se vê, se quase não se vê!

ALCMENA Que é ver, Anfitrião? Já viste que todos os dias substituo as flores desta sala, que todos os dias são diferentes? Rosas, umas vezes, outras cravos, outras... E

diferentes para todos os dias esta sala ser diferente, para todos os dias eu ser diferente...

JÚPITER Mentas, Alcmena. Era assim nos primeiros tempos, agora raras vezes mudas as flores. E porque desististe de ser sempre outra, de ser sempre diferente. — *(Alcmena dá outra disposição às flores das jarras. Muda-as de sítio).*

ALCMENA Sim, há muito tempo que deixei de me preocupar com as flores. Pensei que não valia a pena, que não as vias.

JÚPITER Tão atento que dei pelo primeiro dia em que as flores foram as mesmas. Rosas vermelhas dois dias seguidos. Foi então que deixaste de gostar de mim?

ALCMENA Reparaste nisso? Porque não me disseste? Ah, se me tens dito, Anfitrião, talvez a nossa vida tivesse sido outra...

JÚPITER Nesse dia também trazias o mesmo vestido da véspera. Dois dias seguidos com o mesmo vestido. Dois, três dias... Então deixei de te ver, habituei-me a ti.

ALCMENA Porque não me disseste? Mas tu também repetias sempre as mesmas coisas, sentavas-te sempre na mesma cadeira, os mesmos gestos... — *(Continua a dar outra ordem à sala)* — Esperava por ti somente amanhã, não tinhas hoje um comício?

JÚPITER Foram tantas as saudades que abandonei tudo.

ALCMENA Não é possível, Anfitrião.

JÚPITER É possível, Alcmena.

ALCMENA A tua guerra correu bem?

JÚPITER Um êxito. Vou ganhar... — *(Distraído, não vendo as cadeiras transparentes)* — Não há cadeiras nesta sala?

ALCMENA Que disparate! Não sabes que são transparentes? Compraste-as tu. Nem pareces o mesmo...

JÚPITER *(sentando-se cuidadosamente)* Foi o hábito que as tornou transparentes.

ALCMENA De que falaste no teu comício?

JÚPITER Dos nossos projectos de desenvolver economicamente o país, visando a melhoria do nível de vida dos mais desfavorecidos...

ALCMENA Dialogadores cada vez mais aperfeiçoados? — *(Continua a mudar a posição dos móveis)*.

JÚPITER Preparei com Mercúrio um plano grandioso... Repara: um dos grandes problemas das nossas cidades é o problema das árvores e dos jardins. As árvores apodrecem, sujam as ruas com folhas, sugerem então melancolia... Que propomos nós? Substituir as árvores por simulacros de plástico, muito mais asseados, sempre floridos, que não sujam a cidade, que nos dão uma sensação de eterna primavera. Acaba-se com os gastos da limpeza, criam-se novas fábricas, novos postos de trabalho...

ALCMENA É verdade que trocaste um comício por mim? Ou vieste ter comigo para discursar como se estivesses num comício?

JÚPITER Quero que participes de todos os meus entusiasmos, amor. E quero também participar dos teus entusiasmos. Conta-me, não te cales, quais são os teus entusiasmos?

ALCMENA Lembra-te do que te disse uma vez? Um colega do liceu que nunca mais encontrei...

JÚPITER É o teu entusiasmo?

ALCMENA Louco! Não. Mas encontrei-o...

JÚPITER E depois?

ALCMENA Foi bom vê-lo, matei-o definitivamente.

JÚPITER Mataste-o definitivamente?

ALCMENA *(sempre modificando a sala)* As vezes pensava nele, sabes? Mas agora que falei com ele...

Júpiter, bate outra vez no biombo, consegue segurá-lo.

ALCMENA Anfitrião! Que tens tu? Não te reconheço...

JÚPITER É um homem brilhante, decerto. Imagino-o: um rei, um deus...

ALCMENA Porquê? Um imbecil.

JÚPITER *(desconcertado, ofendido)* Não, não posso crer. Adivinho-o: a maneira como terá evocado o passado, o seu poder de sedução...

Entretanto Alcmena vai a um armário, tira um vestido, despe-se, muda de vestido.

ALCMENA *(peremptória)* Um imbecil.—*(Surpreendida com a atitude de Anfitrião)* — Mas pareces zangado... Preferias que eu o considerasse um deus?

JÚPITER *(caindo em si)* Bom, seja... Um imbecil! Também pensas que sou um imbecil?

ALCMENA És um deus, Anfitrião, um deus, um rei...

JÚPITER *(feliz, mas receoso)* Agora? Sentes que sou um deus agora? As minhas palavras, os meus gestos são as palavras e os gestos de um deus? Agora?

ALCMENA *(continuando a mudar de vestido)* Agora não. Hoje pareces cansado, perdeste o teu brilho habitual e até nem reconheces a tua casa, tropeças em tudo. Porque não ligas o teu dialogador? Os dialogadores dão-nos brilho nos dias em que não somos brilhantes... — *(Procura nos bolsos dele o dialogador mas não o encontra)* — Onde está?

JÚPITER Esqueci-me dele...

ALCMENA Anfitrião! Como é possível? Não te reconheço, a primeira vez que te esqueces dele! Mas foi bom teres trocado o teu comício por mim. As tuas palavras brilhantes, o teu espírito imaginativo ficarão para outra vez. Abraça-me...

JÚPITER *(abatido)* Como posso abraçar-te? Queres humilhar-me...

Batem à porta, entra Mercúrio

MERCÚRIO *(ao ouvido de Júpiter)* Anfitrião faltou ao comício e vem a caminho, estará aqui

dentro de duas horas... — (*Imagens do automóvel a toda a velocidade*) — A viagem foi boa?

JÚPITER Ótima, temos a partida ganha!

ALCMENA Vão acabar com as árvores neste país...

MERCÚRIO A natureza é pobre, Alcmena. Torná-la-emos mais rica, os deuses criadores nada sabiam de ciência, eram espíritos pré-lógicos. E faremos mais e melhor. — (*Para Júpiter*) — Já lhe contaste?

JÚPITER O quê?

MERCÚRIO O nosso plano de luz eterna.

ALCMENA De luz eterna?

MERCÚRIO (*entusiástico*) De dia permanente. A noite entristece, Alcmena, e sugere a passagem do tempo e quem diz a passagem do tempo diz a velhice. Como as árvores que perderam as folhas. Tudo o que muda. Produziremos uma luz tão forte como o Sol, acabaremos com a noite, a nossa vida deixará de estar compartimentada pelos dias e pelas noites. Como se o tempo tivesse acabado...

JÚPITER (*em voz baixa*) Mas vai-te embora, Mercúrio. Só tenho uma hora para estar com ela. — (*Viagem do automóvel*).

MERCÚRIO Bom, adeus...

DIALOGADOR DE ALCMENA Não, não te vás embora. Quero conversar contigo, Anfitrião não parece hoje o mesmo, perdeu o brilho... — (*Tirando o dialogador*) — Sabes que não concordo com essa ideia de acabar com o tempo?

MERCÚRIO Vamos suprimi-lo.

ALCMENA Deixaremos de morrer?

MERCÚRIO Repara, Alcmena... Até hoje o tempo não foi, em termos económicos, convenientemente explorado e só deu origem a uma indústria verdadeira, a dos relógios. É uma matéria-prima que falta sempre, nunca temos tempo. Em relação a ele existe uma economia de penúria e não de abundância, está a tornar-se extremamente raro e portanto caríssimo, mais caro do que o petróleo. Aliás, é perfeitamente irracional, um perfeito crime ecológico, a maneira como desperdiçamos o tempo... Mas suprimindo os dias e as noites, suprimindo a queda das folhas, é o tempo afinal que nós suprimimos. Ou melhor: produzimo-lo artificialmente. Acabou-se a época da penúria, surge a época da abundância... A sociedade do consumo, mas sem esgotar a matéria-prima...

JÚPITER Então talvez não valha a pena fazer o novo universo, o novo universo torna-se possível na Terra. — (*Em voz baixa*) — Mas vai-te embora, Mercúrio, disponho apenas de uma hora, falta-me o tempo... — (*O automóvel*).

MERCÚRIO Adeus...

ALCMENA Estiveste sempre distraído. Reparaste que mudei completamente o aspecto da sala? Reparaste que mudei de vestido?

COZINHA DA CASA DE ALCMENA, alternando com a sala. Cozinha moderna. Tão moderna que já não tem frigorí-

fico. Assim, haverá uma vaca viva, um porco vivo, peixes num aquário, galinhas que põem ovos quando se lhes pede. Durante toda a cena Brómia, que está a cozinhar, cortará uma perna à vaca (que já só tem três pernas), apanhará couves e batatas (que estão na terra), etc. Auxiliada por Sósia.

- BRÓMIA Ah, chegaste...
- SÓSIA Tiveste saudades minhas?
- BRÓMIA Muitas...
- SÓSIA E que tens feito?
- BRÓMIA Aturei a senhora Alcmena...
- SÓSIA E eu, Anfitrião. Tive de mudar uma roda debaixo de chuva.
- BRÓMIA A senhora Alcmena está cada vez mais chata e não me sobe o ordenado. Dá-me daí uns ovos...
- SÓSIA *(tirando os ovos da galinha)* O Anfitrião ficou no alfaiate e mandou-me comprar este ramo de flores.
- BRÓMIA Ficou no alfaiate? Está lá dentro com a senhora Alcmena.
- SÓSIA Lá dentro? Impossível... Não teve tempo.
- BRÓMIA *(intrigada)* Tu é que te demoraste e entretanto ele... Com quem estiveste?
- ALCMENA Com quem estiveste? De quem é este cabelo?
- SÓSIA Não estive com ninguém.
- JÚPITER O cabelo é teu, Alcmena.

BRÓMIA Mas o senhor Anfitrião já chegou há tanto tempo...

ALCMENA E cheiras a mulher...

JÚPITER Cheiro a ti.

BRÓMIA Explica-me...

SÓSIA Liguemos os dialogadores, sim? Os dialogadores falam sempre verdade.

DIALOGADOR DE SÓSIA O importante é repousar a consciência, praticar a virtude e comprar objectos, muitos objectos, porque se não os comprarmos a crise agrava-se, as fábricas fecham. E não devemos fazer greves, a crise não as suporta, as greves prejudicam sobretudo os próprios trabalhadores. Deve recorrer-se a elas, mas só de forma responsável, isto é, nunca.

DIALOGADOR DE BRÓMIA Temos de nos precaver contra as más ideias dos homens que nos querem enganar quando prometem a transformação da nossa sociedade. Esses são os verdadeiros inimigos do povo. A melhoria só é possível se não pedirmos aumento de ordenado, de contrário as empesas arruinam-se e não poderão pagar-nos. Aceitemos hoje sacrifícios e talvez os nossos bisnetos possam viver melhor. Ou os trinetos. Sim, não podemos exigir-lhes que paguem a conta do nosso bem-estar.

DIALOGADOR DE SÓSIA Governar a sociedade é tarefa muito difícil, somente para alguns. Os homens nasceram divididos entre governantes e governados, assim como nasce-

ram loiros ou morenos. E quando os governados querem governar, então temos o caos.

BRÓMIA Que bom conversar, Sósia. O teu dialogador conta coisas tão bonitas! Arranca-me daí umas couves.

SÓSIA *(indo buscar as couves)* As vezes não concordo com o que diz o dialogador.

BRÓMIA Os dialogadores é que sabem, Sósia.

DIALOGADOR DE SÓSIA Devemos sempre votar nos governantes, votar nos governados seria o caos. A pasta de dentes Hércules regenera as suas gengivas graças ao factor C268 que absorve toda a sujidade.

BRÓMIA Como?

SÓSIA É sobre a pasta de dentes Hércules. Tem o factor C286. Ou C280, já não me lembro bem.

BRÓMIA Eu uso-a, Sósia. — *(Tira do bolso uma pasta e uma escova e começa a lavar os dentes)*.

DIALOGADOR DE SÓSIA A matéria atrai a matéria na razão directa das massas e na inversa do quadrado das distâncias. Esta lei, descoberta por Newton no século XVII...

DIALOGADOR DE BRÓMIA Se todos os homens quisessem governar então seria o caos.

DIALOGADOR DE SÓSIA Mas Newton não descobriu somente a lei da gravidade...

DIALOGADOR DE BRÓMIA Por isso nada deve ser tentado para modificar a sociedade tal qual é...

DIALOGADOR DE SÓSIA Mas tudo começou quando Galileu... — *(Sósia também vai lavar os dentes)*.

BRÓMIA O teu dialogador dessincronizou-se com o meu...

SÓSIA Que dizes?

BRÓMIA Dessincronizou-se...
Sósia tenta sincronizá-lo, a voz sai distorcida, nada se percebe, como a fita dum gravador fora da velocidade exacta.

SALA DE ALCMENA, Júpiter sai. Alcmena, durante algum tempo, fica sozinha em cena.

ALCMENA Não, não vale a pena transformar a sala para quem não sabe ver...
Anfitrião entra e dá-lhe um ramo de flores. Mas como o biombo mudou de sítio, não o vê, deita-o abaixo.

ALCMENA Anfitrião!

ANFITRIÃO *(irritado)* Mudaste o sítio desta coisa?

ALCMENA Ah, se não tropeçasses nem davas por isso.

ANFITRIÃO Como estás, Alcmena? — *(Oferece-lhe o ramo de flores que também caíra ao chão)* — Esperavas por mim somente amanhã...

ALCMENA *(espantada)* Somente amanhã?

ANFITRIÃO Assim pago a tua visita...

ALCMENA A minha visita?

ANFITRIÃO Sim, a tua visita ou já te arrependeste? Redescobri-te, Alcmena...

ALCMENA Não compreendo. Acabas de sair daqui e eu não te visitei.

ANFITRIÃO (*desconcertado*) Acabo de sair daqui e tu não me visitaste?

ALCMENA Não brinques, Anfitrião.

ANFITRIÃO Não brinques, Alcmena!

ALCMENA (*irritada*) Anfitrião!

ANFITRIÃO Percebo, estás zangada, criticas-me porque foste tu a visitar-me e não eu que te visitei. És injusta, eu tinha os comícios. E senti-me muito feliz quando te vi aparecer... E faltei a um comício para estar neste momento aqui...

ALCMENA Já me confundes com as outras? Já não sabes distinguir-me?... Mas não me falaste assim há pouco, há uma hora falaste-me cheio de amor. Quem te visitou?

ANFITRIÃO Há uma hora?

ALCMENA Vinhas dominado pela paixão, só nos primeiros tempos me apertaste com tanta força. Que bom!

ANFITRIÃO Não compreendo a tua ironia. — (*Tropeça numa cadeira*).

ALCMENA Continuas a tropeçar nas coisas como tropeçavas há uma hora...

ANFITRIÃO Mudaram de sítio... — (*Pausa*) — Criticas-me por ter aparecido de surpresa? É assim que pagas a pressa com que te procurei, tu que só contavas comigo amanhã? Há uma hora vinha eu a caminho...

ALCMENA Percebo. Arrependeste-te e portanto negas.

ANFITRIÃO Nego o quê, Alcmena? Já não temos idade para brincar.

ALCMENA Consideras que a tua presença foi uma simples brincadeira?

ANFITRIÃO Acabemos com isto. Senti-me muito feliz por me teres procurado no comício.

ALCMENA Senti-me muito feliz por teres estado aqui há uma hora.

ANFITRIÃO Falemos a sério, Alcmena!

ALCMENA Falemos a sério, Anfitrião!

Aparece Juno, sem que seja vista pelos dois.

JUNO Sim, ama-a profundamente, Anfitrião, ao amá-la profundamente amar-me-ás a mim. Quando eu for ela.

ANFITRIÃO Não discutamos mais, Alcmena. Amor! Está bem, se quiseres, fui eu que te visitei, não foste tu que me visitaste. É a mesma coisa, mas não insistas mais, então convenço-me de que te arrependeste. Não te arrependas, Alcmena!

ALCMENA Não te arrependas tu! — (*Chama Brómia*) — Brómia! Vem cá!

JUNO Quanto mais sofreres, maior será o teu amor por mim, Anfitrião!

Brómia entra com o dialogador ligado.

DIALOGADOR DE BRÓMIA Minha senhora, a pasta de dentes Hércules...

ALCMENA Responde-me: o senhor Anfitrião não esteve aqui há uma hora?

BRÓMIA E continua...

ANFITRIÃO Sósia!

JUNO O espinho do ciúme... Não comprehendes que sou eu quem tu desejas, que ela sou eu? Que ela serei eu? Que para ti ela serei eu?

SÓSIA *(entrando)* Senhor Anfitrião...

ANFITRIÃO Onde estava eu há duas horas?

BRÓMIA *(em voz baixa)* Agora é que te apanho, malandro, que em vez de vires logo ter comigo...

SÓSIA Na estrada, a caminho...

BRÓMIA *(para Sósia)* Porque tentas enganar-me? Com quem estiveste há duas horas? Julgavas que o senhor Anfitrião não vinha logo para casa e...

*QUARTO DE HOTEL alternando depois com a SALA DE ALCMENA.
Juno disfarçada de Alcmena, ainda fora do quarto, acompanhada por Cupido.
Dentro do quarto, Júpiter lê.*

JUNO Se soubesses o que me custa o que vou fazer, Cupido! Entregar-me a Júpiter, enganar Anfitrião!

CUPIDO *(que espreita pelo buraco da fechadura)* Tenta que Júpiter goste de ti o mais que puder, que é a maneira de deixar de te amar para amar Alcmena. Sê Alcmena, Juno!

JUNO Acreditas que Júpiter não descobre? É deus...

CUPIDO Os deuses já não existem, Juno, sabes isso melhor do que ninguém.

Juno bate à porta.

JÚPITER Quem é?

JUNO Alcmena!

JÚPITER *(em voz baixa, triunfante)* Alcmena? Não é possível... E dizia ela que eu não tinha brilho, a mulher herética, que Anfitrião, o humano Anfitrião era mais brilhante do que eu... Mas não ofende os deuses quem quer, os deuses que se expulsam pela janela entram depois pela porta... E agora és tu que vens à minha procura... O Anfitrião real já não te satisfaz?

JUNO Abre... — *(Para Cupido)* — Imbecil...

JÚPITER Um instante... — *(Começa a disfarçar-se de Anfitrião)*.

JUNO Não abres? — *(Para Cupido que espreita pelo buraco da fechadura)* — Que está ele a fazer?

CUPIDO Disfarça-se de Anfitrião.

JÚPITER Um momento... *(Abre a porta)* — Não tens medo que te vejam?

Juno entra. Cupido fica fora a espreitar pelo buraco da fechadura.

JUNO Não sou a tua mulher?

JÚPITER Bem...

JUNO Mas tinhas-me dito que ias tratar de negócios com Mercúrio. Se querias dormir porque não foste para casa?

JÚPITER De repente tive tanto sono... Mas que importa isso, amor? Sentiste então a minha falta, vieste ter comigo? Não te desiludi há pouco em nossa casa?

JUNO Porque perguntas se me desiludiste? Nunca te amei tanto, Anfitrião.

JÚPITER Trataste-me mal, disseste que eu estava sem brilho, que era preferível usar o dialogador...

ANFITRIÃO Explica-me o que fiz há duas horas...

ALCMENA Começaste por me dar um colar...

JUNO Quando te disse eu que perdeste o brilho?

ANFITRIÃO Sósia! Quem te autorizou a dar o colar antes de eu te dizer?

SÓSIA Mas eu não o dei, ainda está no automóvel...

JÚPITER *(abraçando-a)* Quando me disseste que perdi o brilho? Há pouco, em casa...

JUNO Sonhaste, Anfitrião. Nunca gostei tanto de ti, nunca me pareceste tão belo...

JÚPITER Nunca gostaste tanto de mim? Nunca te pareci tão belo? Então porque disseste o que disseste?

ANFITRIÃO Sósia... Vai buscar o colar... — *(Sósia sai)* — Bem. E que mais fiz eu?

ALCMENA Brómia serviu-nos chá...

ANFITRIÃO E que mais?

ALCMENA Despiste-me...

JÚPITER Mas então porque quiseste humilhar-me? No fundo, disseste que eu estava a envelhecer.

ALCMENA Assim já te esqueceste de tudo? Esqueceste-te do ardor com que te amei?
Entra Sósia com o colar.

ANFITRIÃO Traidora! A quem amaste tu com esse ardor? Quem te deu o colar?

ALCMENA Traidor! Negas, tens vergonha da tua paixão?

JUNO Repete muitas vezes: amas a tua Alcmena, nunca a amaste tanto.

ALCMENA Explica-me o que fiz quando te visitei.

ANFITRIÃO Fomos para o hotel e amaste-me com tal ardor!

ALCMENA Julgas que a meio da tarde eu iria contigo fechar-me dentro dum quarto? Confundes-me com as tuas amantes...

No corredor, do outro lado da porta do quarto onde estão Júpiter e Juno, aparece Mercúrio. Vendo Cupido espreitar pelo buraco da fechadura dá-lhe um pontapé no rabo.

MERCÚRIO Que estás aqui a fazer?

CUPIDO Espreito pelo buraco da fechadura, bem sabes que nestas coisas a curiosidade foi sempre o meu ponto fraco. — *(Abre-lhe o casaco e apalpa-o no sítio do coração)* — Maroto... Continuas a proteger o coração com a armadura de metal... Continuas a dormir com ela, rezeias que eu te surpreenda?

MERCÚRIO Vai-te embora...

CUPIDO Porque não hás-de ser tu a ir-te embora?

MERCÚRIO Queres que te denuncie a Júpiter?

CUPIDO Foste sempre um denunciante... Adeus, adeus... E não te esqueças nunca da

armadura, se um dia te apanho sem ela... Ou o teu próprio coração é impenetrável? — (Sai).

Mercúrio bate à porta.

JÚPITER Quem é?

JUNO Quem pode ser a estas horas?

MERCÚRIO Sou eu, Mercúrio...

JÚPITER Que quererá ele? — (*Estão mais ou menos despidos, começam a vestir-se*) — Mas que chatice!

MERCÚRIO (*em voz baixa*) Tenho de avisar Júpiter que Juno desapareceu, quem sabe se não terá vindo à Terra? Seria o fim do mundo, nem quero imaginar!

JÚPITER Entra.

Mercúrio entra.

MERCÚRIO Júpiter... — (*Vendo «Alcmena», cala-se*)

JUNO (*fingindo-se surpreendida*) Júpiter? Mudaste de nome?

JÚPITER As brincadeiras de Mercúrio...

JUNO Aí tens, Anfitrião. Ele diz bem. Para mim és Júpiter, és o deus dos deuses... E tantas vezes tenho pensado... Se Júpiter de repente quisesse ser homem, servia-se de ti como modelo...

JÚPITER (*lisongeado*) Que queres dizer? Pensas que me pareço com Júpiter?

JUNO (*ambígua*) Não pareces, és... Ou melhor, é como se fosses.

JÚPITER (*para Mercúrio*) Então que há?

MERCÚRIO (*perturbado*) Não compreendo, Alcmena... Como estás aqui se agora mesmo acabo de te deixar em tua casa?

JUNO Sou mais veloz do que tu, não sabias?

JÚPITER Mas que me queres?

MERCÚRIO Bem, nada...

JUNO Então vai-te embora... Que vieste cá fazer?

JÚPITER (*numa decisão súbita*) Vamo-nos todos embora, vamos todos para casa.

MERCÚRIO (*baixo para Júpiter*) Anfitrião está lá...

Júpiter não o ouve e saem todos, Júpiter puxando Juno por um braço, Mercúrio seguindo-os. E não dão por Cupido que continuava a espreitar pelo buraco da fechadura.

CUPIDO Vai ser o bom e o bonito! Tenho de chegar primeiro, conseguir que Anfitrião e Alcmena saiam de casa.

ALCMENA Traidor!

ANFITRIÃO Traidora! — (*Sai, batendo com a porta*).

VESTÍBULO DA CASA DE ANFITRIÃO. Anfitrião aparece, vindo da sala, e cruza-se com Júpiter que acaba de entrar disfarçado de Anfitrião e na companhia de Juno).

ANFITRIÃO (*vendo apenas Juno*) Como é isto? Deixei-te lá dentro e já estás aqui? — (*Mas descobre Júpiter*) — Quem és tu? Que estás a fazer em minha casa? — (*Juno afasta-se, escondendo-se na sombra*)

JÚPITER Em tua casa? Esta casa é minha.

ANFITRIÃO Explica lá isso...

JÚPITER É minha, é a casa de Anfitrião e eu sou Anfitrião.

ANFITRIÃO Anfitrião há só um...

JÚPITER A quem o dizes...

ANFITRIÃO Pois, sou eu...

JÚPITER Que vaidade!

ANFITRIÃO Nem é nem deixa de ser vaidade, é um facto. Não digo que seja melhor ser Anfitrião do que não ser. Mas mal ou bem sou Anfitrião.

JÚPITER Ninguém sabe quem é, amigo. Imaginamos que somos quem não somos, queremos sempre ser quem não somos, a vida é sonho... Desejas talvez ser Anfitrião e tanto o desejas que julgas sê-lo.

ANFITRIÃO Não, não... Não tenho qualquer honra em ser Anfitrião, considero-me suficientemente lúcido para saber que nada sou de especial, o que sou sou-o graças ao meu dinheiro. Sem ele não poderia ser quem sou e até poderia ser tu, já que és tão parecido comigo. Mas a verdade é que tenho esse dinheiro e portanto sou Anfitrião. Mal ou bem, mas sou.

JÚPITER Se tu próprio reconheces que és quem és graças ao teu dinheiro, quem te garante que ainda és rico? Consultaste agora mesmo a tua conta no banco?

Batem à porta, aparece Mercúrio.

MERCÚRIO *(para Anfitrião)* Perdemos...

ANFITRIÃO As eleições?

MERCÚRIO Não, as tuas indústrias faliram. Perdeste tudo.

ANFITRIÃO Como é possível?

JÚPITER Vês? Tu próprio tens de concordar. Perdeste tudo, já não és quem supões ser. Perdida a riqueza, agora és outro, morreste... E Anfitrião sou eu. Deixa-me passar...

ANFITRIÃO Não, não passas. Não concordei em nada. Pode perder-se a fortuna sem perder o nome.

JÚPITER Eis o teu erro. Perde-se o nome, fica-se até anónimo. Quem não tem fortuna é anónimo, pertence ao povo anónimo.

ANFITRIÃO Talvez se fique anónimo, mas não se perde o nome. Perde-se o poder, está bem, mas não deixamos de ser quem éramos.

JÚPITER Desculpa, estás enganado. Ser é poder.

ANFITRIÃO *Slogans* socialistas e demagógicos que só servem para desestabilizar a nossa sociedade. Não deixo de pensar como pensava, de sentir como sentia, o meu passado não desaparece.

JÚPITER Eis o teu erro. Passarás a pensar de maneira diferente, a sentir de maneira diferente. E quanto ao passado! O passado já não existe!

ANFITRIÃO Existe na memória...

JÚPITER A memória é traiçoeira. Além disso, o dinheiro compra tudo, pode até comprar

o passado. Deves sabê-lo porque já muitas vezes o compraste, pagando aos teus historiadores e aos teus jornalistas.

ANFITRIÃO *(para Mercúrio)* Porque não dizes nada? Fala...

MERCÚRIO Que queres que diga?

ANFITRIÃO A verdade, evidentemente. Que, pobre ou rico, sou Anfitrião, o marido de Alcmene, o teu sócio...

MERCÚRIO Como posso sabê-lo? Vocês são iguais... Mas mostra-me a tua conta do banco... E actualizada... — *(Para Júpiter)* — Mostra-me também a tua... — *(Ambos abrem as carteiras, da carteira de Júpiter caem muitas notas)* — Bem, como posso hesitar? — *(Para Anfitrião)* — A tua está vazia... É ele portanto Anfitrião...

ANFITRIÃO *(para Mercúrio)* Foi a mim e não a ele que te dirigiste quando entraste.

MERCÚRIO Porque não o vi e tu eras igual.

ANFITRIÃO Mas então se a nossa empresa faliu e ele é Anfitrião, ele também está falido...

JÚPITER Como estou falido? Tenho a carteira cheia.

MERCÚRIO Não tentes perceber, quando não se tem dinheiro o mundo torna-se incompreensível. Para compreendê-lo são necessários grandes meios e os grandes meios custam caro, centros de investigação dispendiosos...

ANFITRIÃO Bom, mas mesmo que eu tenha deixado de ser Anfitrião, porque hás-de ser tu a sê-lo?

JÚPITER Porque herdei o poder, é muito simples. O poder é sempre o mesmo.

MERCÚRIO *(conciliador)* Não tentes compreender.

ANFITRIÃO Poderias ter o meu poder e não ser Anfitrião. Serias outro com o poder de Anfitrião.

JÚPITER Deixa-te de subtilezas metafísicas, o poder é sempre o mesmo, já te disse.

ANFITRIÃO Mas não os agentes do poder.

JÚPITER Porque é sempre o mesmo, o poder torna os seus agentes também os mesmos.

ANFITRIÃO Não os homens.

JÚPITER Não há homens, só há o poder. E a falta de poder.

Entram Alcmene, Brómia e Sósia.

ALCMENA Que vejo eu? Dois Anfitriões?

BRÓMIA Impossível!

SÓSIA Que é isto?

ANFITRIÃO Este homem faz-se passar por mim, diz que eu já não sou eu, quer roubar-me o eu.

JÚPITER *(para Alcmene)* Aqui tens este colar de pérolas. — *(Para Anfitrião)* — Podes dar-lhe um igual?

ALCMENA *(para Júpiter)* Porque se mascarou ele?

JÚPITER Porque é um impostor.

ANFITRIÃO Alcmene! Não te deixes enganar! Tu que foste visitar-me ontem...

ALCMENA Mentira... — (*Para Mercúrio*) — Explica-me, Mercúrio... Qual deles é Anfitrião?

MERCÚRIO Consulta-lhes a carteira...

ALCMENA A carteira não mente?

MERCÚRIO Como queres que minta? A carteira nunca mente, é a voz da verdade. Melhor: decreta a verdade... — (*Para Só-sia*) — Vai chamar a polícia, que este homem é um impostor, está em casa alheia...

RUA

Anfitrião algemado, conduzido por dois polícias numa rua vazia. Anúncios luminosos: «IBH Dialogador, uma nova forma de ser livre» «IBH Dialogador, a ciência ao alcance dos seus dedos». «Com o IBH dialogador conquistará o amor». «Para o IBH dialogador não há segredos, tens as palavras na ponta dos dedos». Então Juno (Juno ex machina) desce dos ares, sempre disfarçada de Alcmena, num guindaste. Com um gesto põe os guardas em fuga e quebra as algemas de Anfitrião. Caem nos braços um do outro.

Surtem também Júpiter, disfarçado de Anfitrião, e Alcmena, mas os dois pares não se vêem.

Ouve-se uma valsa (a de Ravel? A do Cavaleiro da Rosa?) e os dois pares começam a dançar.

Separadamente, também aparecem Mercúrio e Cupido.

Mercúrio, à distância, observa os dois pares com olhar crítico, mas aparentemente sente-se incomodado com a armadura e tira-a.

CUPIDO

Bem, eis aqui um epílogo que não me parece respeitar as regras da moral e da justiça, pois acaba por premiar com o amor quem merecia um castigo. Mas haverá moral e justiça neste mundo? — (*Descobre Mercúrio*) — Ah, sem armadura... — (*Pega numa seta, dispara-a, Mercúrio cai morto*) — Ora esta... — (*Aproxima-se de Mercúrio, consulta-lhe o pulso*) — Morto... Não era uma seta de amor... Embora involuntariamente fez-se um pouco de justiça, afinal... A suficiente...

Longa pausa.

Ouve-se então (começa a aparecer a plateia de um teatro) algumas palmas tímidas, logo seguidas de uma valente pateada e de tomates arremessados contra os actores. Mercúrio levanta-se, os outros param de dançar e, hesitantes, vêm à boca da cena agradecer os tomates que continuam a cair sobre eles. Entretanto vão tirando os disfarces e ficam o que são: simples actores de uma comédia sem sentido.

© by Moraes Editores
Capa de Vitorino Martins
Plano gráfico: J. Matos
Revisão: Moraes Ed.
Composição e impressão
Tipografia Lousanense — Lousã

1.ª edição, Abril de 1980
n.º de ed. 913
Tiragem de três mil e trezentos exemplares
Direitos de tradução, reprodução e
adaptação desta edição reservados
para todos os países por
Moraes Editores
Rua do Século, 34-2.º
1200 LISBOA/PORTUGAL